

Desinformação, saúde e ciência: a pandemia de Covid-19 no Brasil

Desinformación, salud y ciencia: la pandemia de Covid-19 en Brasil

Misinformation, health and science: the Covid-19 pandemic in Brazil

**Razón
y Palabra**

e-ISSN: 1605-4806

VOL 25 N° 114 mayo - agosto 2022 Monográfico pp. 37-48

Recibido 02-07-2022 Aprobado 30-08-2022

Rodolfo Silva Marques

Brasil

Universidade da Amazônia

rodolfo.smarques@gmail.com

Ivana Oliveira

Brasil

Universidade da Amazônia

ivana.professora@gmail.com

Preferencias Breno Rodrigo de Messias Leite

Brasil

Universidade da Amazônia

breno-rodrigo@hotmail.com

Resumo

Neste artigo, a ideia é apresentar o contexto da desinformação no campo da saúde pública brasileira – em especial no cenário pandêmico em que o mundo viveu a partir de 2020. A discussão de como o governo brasileiro, liderado por Jair Bolsonaro (PL-RJ), usou a desinformação para desvirtuar o enfrentamento à Covid-19 no país é o caso de análise na pesquisa. Como métodos, utiliza-se a discussão da literatura sobre economia política da informação e da desinformação e a respeito da infodemia, além da análise situacional de gestão da pandemia no Brasil. Como conclusões, identifica-se como a desinformação traz efeitos maléficos à saúde pública e de forma ela se enquadra como estratégia de comunicação política.

Palavras-Chave: desinformação; cenário pandêmico; Jair Bolsonaro; saúde pública

Abstract

In this paper, the idea is to present the context of disinformation in the field of Brazilian public health - especially in the pandemic scenario in which the world has lived since 2020. The discussion of how the Brazilian government, led by Jair Bolsonaro (PL-RJ), used disinformation to distort the fight against Covid-19 in the country is the case of analysis in the research. As methods, we use the discussion of the literature on the political economy of information and disinformation and on the infodemic, in addition to the situational analysis of the management of the pandemic in Brazil. As conclusions, it is identified how disinformation brings harmful effects to public health and how it fits as a political communication strategy.

Keywords: misinformation; pandemic scenario; Jair Bolsonaro; public health

Resumen

En este artículo, la idea es presentar el contexto de la desinformación en el campo de la salud pública brasileña - especialmente en el escenario de pandemia que vive el mundo desde 2020. La discusión de cómo el gobierno brasileño, encabezado por Jair Bolsonaro (PL- RJ), utilizó la desinformación para tergiversar la lucha contra el Covid-19 en el país es el caso de análisis en la investigación. Utilizamos como métodos la discusión de la literatura sobre la economía política de la información y la desinformación y sobre la infodemia, además del análisis situacional de la gestión de la pandemia en Brasil. Como conclusiones, se identifica cómo la desinformación trae efectos nocivos para la salud pública y cómo encaja como estrategia de comunicación política.

Palabras-clave: desinformación; escenario de pandemia; Jair Bolsonaro; salud pública

Introdução

A pandemia de Covid-19 trouxe amplas modificações em vários espaços de interações, como nos de produção e consumo de informações, no trabalho, no entretenimento e das formas de instrução e de construção de cidadania. Os processos, em geral, foram amplificados, como o uso das plataformas digitais, a disseminação das notícias falsas – e a consequente desinformação –, assim como posturas negacionistas como se observam, no Brasil, com seu presidente da República –Jair Bolsonaro (PL).

O presidente brasileiro mapeou e mapeia sua atuação em um viés ideológico mais associado à extrema-direita radical, usando ferramentas da economia política no contexto das inflexões do modo de produção capitalista.

Vive-se o cenário pós-pandêmico, já em 2022 – e não se tem a certeza exata de quando a Covid-19 vai ser efetivamente controlada no âmbito global, gerando o chamado pós-fim da pandemia – e após à disseminação das vacinas em escala global.

A pandemia despertou – e vem despertando – reflexões a respeito sobre comportamento humano e suas dimensões relacionais em campos multidisciplinares. Nesse contexto, as ciências, como Ciência Política, Comunicação Social, Antropologia e Sociologia, foram e são provocadas constantemente, como que estimuladas a se manifestarem para entender melhor os fenômenos que se mostram presentes.

Na presente discussão, busca-se um mapeamento da Economia Política da Desinformação em situações específicas, tendo a pandemia como ponto de partida. A partir da compreensão de que a Economia Política tem seu objeto de estudo residente nas relações sociais da produção, circulação e distribuição de recursos materiais para os diferentes tipos de consumidores, quaisquer debates que apresentem categorias relevantes são essenciais para a compreensão dos fenômenos com tal base teórica (Hunt, 1989; Martins, 1999).

A Economia Política da Desinformação vem ganhando relevância nos espaços públicos de discussão e nos meios acadêmicos, correlatos a processos políticos e socioeconômicos. O ato de desinformar se converteu em método, que pode gerar ganhos políticos e econômicos ao confundir plateias (Wardle e Derakhshan, 2017). A pandemia da Covid-19 trouxe à evidência tais questões, de maneira mais ampla.

Dentro desse contexto, a informação e a desinformação caminham de maneira efetiva como categorias que têm de ser entendidas como produtos que circulam e que são consumidos, de uma forma cada vez mais rápida e em um processo econômico-industrial.

A desinformação, aliás, vem ocupando espaços em ambientes políticos, como nos pleitos dos Estados Unidos, em 2016, e no Brasil, em 2018, nas vitórias eleitorais de Donald Trump (Partido Republicano) e Jair Bolsonaro (então no PSL), respectivamente (Cadwalldr e Graham-Harisson, 2018).

A circulação da desinformação gera ganhos econômicos para quem tem como opção – ou “estratégia” a confusão dos interlocutores e/ou o desvio de foco de questões principais dentro de uma determinada sociedade. Ao mesmo tempo, as discussões sobre Economia Política emergem como visões interdisciplinares, mesclando discussões não somente da Economia e da Política, mas avançando nas áreas das Comunicação Social, do Jornalismo, do Direito e da Sociologia, por exemplo.

Não há dúvidas de que os estudos sobre os campos da Economia Política da Informação, da Comunicação – e da Desinformação – têm avançado nos meios acadêmicos no sentido de entender não só os diálogos interdisciplinares entre os campos científicos, mas também no contexto de buscar, de maneira mais efetiva, uma relação entre teoria e prática, bem como análises a partir de episódios da conjuntura dos desenhos institucionais (Azevedo, Santos e Mota, 2016).

Assim, esse espaço é importante para a ampliação do pensamento crítico a respeito das ciências da comunicação no contexto da produção da informação e na identificação dos diferentes pensamentos sociais a respeito das temáticas propostas (Azevedo, Santos E Mota, 2016).

As Tecnologias da Informação e Comunicação vêm interferindo nas relações de consumo, contrapondo cenários de crise e trazendo avaliações a respeito dos conhecimentos coletivos. As comunicações são pensadas cada vez mais em um contexto material, com as dimensões econômicas e políticas. A premissa da interdisciplinaridade, portanto, está conectada ao contexto de várias matérias e conteúdos que apresentam vínculos temáticos e analíticos, como forma de impedir que as atividades teórico-práticas de tais pesquisas e trabalhos acadêmicos sejam desenvolvidos de forma isolada ou dispersa (Gusdorf, 1983; Thiesen, 2008).

A interdisciplinaridade da Economia Política com a Comunicação e com o Jornalismo se insere na dinâmica de identificar elementos, objetos de estudos, casos e aspectos que proporcionem conhecimentos integrados, progressivamente.

Nessa discussão, a ideia é propor uma discussão dos eixos do papel das plataformas digitais no contexto da economia política da desinformação, da desinformação como negócio e da economia política da anti-ciência, com o negacionismo da saúde pública. A percepção crítica a respeito da desinformação pode trazer reflexões sobre estratégias de concorrência por espaço – e por apropriação financeira –, além da velocidade com que essas informações falas de espalham, principalmente pelas plataformas digitais.

Nas perspectivas do desenho de pesquisa e da escolha dos métodos, usa-se a discussão da literatura sobre economia política da informação e da desinformação e sobre infodemia, correlacionando com alguns episódios da crise pandêmica, além da análise situacional de gestão da pandemia no Brasil, buscando uma leitura crítica e assertiva diante dos processos comunicacionais.

Este trabalho se desenvolve nas seguintes etapas: na primeira parte, revisitam-se alguns conceitos sobre Economia Política, buscando a literatura mais clássica em diálogo com autores contemporâneos que tratem de temas correlatos; na seção seguinte, fala-se sobre a Economia Política da Informação e da Desinformação; na sequência, abordam-se os conceitos e o enfrentamento da pandemia no Brasil sob o governo de Jair Bolsonaro, sob o viés da desinformação; e as conclusões preliminares da pesquisa em andamento, a partir dos fatos e análises aqui dispostos.

1. O eixo da Economia Política

Nas interrelações no campo da Economia Política da Informação, têm crescido os debates em eventos acadêmicos e pesquisas multidisciplinares para a produção de conhecimentos, com a ciência dos desafios que se interpõem, mas sempre com o pensamento da ampliação de uma perspectiva mais crítica.

Nesta seção do artigo, busca-se uma discussão relevante dentro desse contexto é trazer a retomada de algumas concepções dos objetos de estudo da Economia Política e elementos da literatura sobre o assunto. Assim, dentro dos debates da agenda de Economia Política, há um diálogo importante com as referências a respeito de democracia e de seus desafios no campo da comunicação e da informação – e também no contexto das disputas eleitorais. Resgatam-se as premissas de Bohman (1998), Downs (1999), Schumpeter (1984) e Weber (1999).

De acordo com Bohman (1998), as ideias de democracia deliberativa vêm tratando cada vez mais de um comportamento estratégico no campo eleitoral, com as possibilidades de se buscar consensos a partir da comunicação e dos debates entre as diferentes partes presentes na arena política. Para Bohman (1998), há dificuldades para a efetivação da deliberação quando não há condições favoráveis nos campos da desigualdade social e do pluralismo – com os fóruns decisórios sendo afetados diretamente por algumas circunstâncias materiais dos indivíduos.

Nesse sentido – é sempre importante resgatar –, até mesmo à guisa de se buscarem as perspectivas de pesquisa, ganha ênfase a literatura de Downs (1999), principalmente, em “*Uma teoria econômica da democracia*”, publicada originalmente em 1957 e reeditada em 1999. Dentro do contexto da economia política, emergem discussões na literatura de Downs (1999), a respeito do comportamento dos cidadãos votantes e dos partidos políticos, em um processo de competitividade político-eleitoral.

Para Downs (1999), por exemplo, cada indivíduo deposita seu voto no partido ou no grupo político em que ele crê para lhe proporcionará maiores resultados práticos. Deriva desta e de outras ideias a visão da teoria da escolha racional da Ciência Política. Ainda nessa conjuntura, Downs (1999) destaca que a parte mais relevante da decisão de um votante está ligada à correlação de benefícios concedidos pelos votados/eleitos em relação ao mesmo contexto se as oposições tivessem vencido o pleito. Fortalece-se a convicção sobre o conceito do auto-interesse, na busca de se identificar políticos e agremiações partidárias que se enquadrem em perspectivas, no nível da influência das políticas governamentais (Downs, 1999).

Ainda dentro dessa visão da escolha racional por parte do eleitor, Downs (1999) avalia que dentro da estrutura partidária, os integrantes da agremiação agem de maneira moral em relação aos demais participantes, da mesma forma que devem agir em relação aos concidadãos. E isso gera uma compreensão mais clara para os eleitores, com escolhas morais e racionais.

Os discursos usados também ganham importância nas estratégias políticas de comunicação e informação, como destaca Downs (1999). De acordo com o modelo democrático de cada país e pela maneira como os eleitores definem em quem votar, não há nada que impeça que um demagogo possa vencer uma eleição – ou ser reeleito – desde que amplie seu discurso para um conjunto dessa sociedade e, em alguns casos, utilizar o fato de ter um mandato em andamento, poder exibir suas ações para os públicos (Downs, 1999).

Assim, em um campo de grandes transformações trazidas pela pandemia, grupos de interesse podem se apropriar das principais pautas e buscar a sua conexão com a população, nas mais diferentes formas. Trata-se de um processo contínuo de adequações e o uso das tecnologias se mostra muito efetivo para o atingir de objetivos.

2. A Economia Política da Informação

No debate da Economia Política da Informação e suas diferentes apropriações, destaca-se também o ponto de vista de Schumpeter (1984), em *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, com um viés um pouco mais diferenciado em relação à obra de Downs (1999). Segundo Schumpeter (1984, p. 330), as intenções, informações e argumentações têm finalidades políticas, exaltando óticas que possam ser positivas dentro de uma campanha eleitoral, fortalecendo raciocínios e premissas junto aos públicos. Schumpeter (1984, p. 326) destaca ainda que há uma mescla dos interesses individuais das pessoas com as questões coletivas, paralelamente, caso haja algum nível de afastamento de ambientes mais ligados ao âmbito privado – e a política interfere no desempenho mental das pessoas.

Weber (1999), usando várias categorias metodológicas, traz algumas reflexões sobre as escolhas a partir de necessidades urgentes dos indivíduos, aquelas partindo de uma sistematização racional, mas também interagindo com a divindade em suas nuances. Racionalismo e abstrações caminhariam a partir da ideia de que riquezas materiais e conhecimentos gerais também podem ser premissas da religiosidade e de um processo intenso de busca da racionalização lógica (Weber, 1999).

A visão marxista da Economia Política da Informação tem como ponto cronológico a obra *Mercado Brasileiro de Televisão* (Bolaño, 1988), ao discorrer concepções essenciais sobre a discussão da busca da informação, da propriedade dos meios de comunicação e das elaborações de conteúdos. A partir daí, as produções se expandiram, com a formação das bases teóricas para visões mais críticas dos mercados de comunicação, além de se abrir uma discussão mais profunda para a pluralidade e a diversidade dos diferentes pensamentos. (Santos e Mota, 2015).

Concepções de massificação de produtos e da mudança dos conteúdos culturais como bens, passíveis de serem monetizados, emergiram com destaque na discussão crítica das produções em geral. O avanço dos meios de comunicação – naquele momento, o rádio e a mídia impressa e, em anos posteriores à publicação da primeira obra, a televisão e a própria internet – trouxeram uma mudança clara nas interações na busca pela informação e pela cultura geral (Adorno, 2011). E uma das principais facetas do intuito da indústria cultural está ligada ao entretenimento, com o consumo de informações e também de bens culturais que se tornam mais acessíveis (Adorno, 2011 e Bolaño, 2000).

No campo da pesquisa em economia política da informação, no Brasil, com a revisão de literatura desenvolvida, e considerando-se as interfaces entre mídia e política e os objetos crescentes, algumas tendências e perspectivas podem ser identificadas.

Outra tendência – e também um desafio no campo de estudo proposto –, é discutido por Bolaño (2016). Há a necessidade de outros respaldos teóricos – ou até mesmo uma nova teoria, coletiva e interdisciplinar – para um estudo mais crítico das correlações entre estudos culturais, economia política e nos sistemas de indústrias culturais do século XX, ainda mais no contexto da Internet (Bolaño, 2016).

A construção de novas leituras teóricas e conhecimentos robustos em relação à Economia Política da Informação é tão necessária quanto desafiadora. Visões como a de Bolaño (2016) em relação à literatura produzida por Martín-Barbero nos anos 1970 e 1980, ampliam o campo epistemológico e trazem novos insights para pesquisas diversas.

Portanto, diálogos sobre democracia, custos da informação, lucros com a disseminação de conteúdos – e de desinformação – sempre estiveram na agenda para a compreensão dos fenômenos políticos e no comportamento dos cidadãos diante dos processos de escolhas.

Nas discussões sobre Economia Política da Informação, retomar algumas leituras de autores clássicos – revisitados em atualizações conceituais – torna-se essencial para verificar as diferentes formas de se consumir conteúdo político, além da tomada de decisões de todas as ordens.

3. A Economia Política da Desinformação e a Pandemia no Brasil

A Economia Política da Desinformação tem-se tornado mais forte e evidente, em diferentes regiões do mundo, gerando efeitos drásticos (Safi, 2018 e Mozur, 2018). Há, por vezes, o objetivo de confundir ou mesmo a finalidade financeira, a partir da mobilização e/ou desmobilização dos grupos sociais (Guess, Nyhan e Reifler, 2018).

A desinformação, em contextos como a da pandemia e/ou em cenários de governos autoritários, tem essa funcionalidade de confundir públicos, gerar conteúdo falso para manipular e levar a comportamentos gerais equivocados, além de benefícios temporários nos âmbitos econômico e político (Wardle e Derakhshan, 2017).

A pandemia de Covid-19 amplificou tais questões, com manifestações públicas de autoridades de saúde mostrando os efeitos danosos de curas sem comprovação científica e/ou a veiculação de informações falsas e de desinformação. Nesse cenário, emerge a concepção de Fake News, que, de acordo com Allcott e Gentzkow (2018), são notícias falsas – e/ou sem possibilidade de maiores verificações – que são divulgadas para desinformar de forma deliberada. Autores como Brito e Pinheiro (2015) e Hirst (2017) também abordam a questão da desinformação a partir de diferentes doutrinas teóricas – mas sempre com o mesmo propósito de desvio de foco e como alguns ganhos financeiros e/ou eleitorais.

Portanto, para a compreensão da análise aqui proposta, é necessário definir o clima de desinformação no período de pandemia no país. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), paralelo à luta contra o novo coronavírus, os profissionais da saúde tiveram, neste intervalo de tempo, suas rotinas castigadas por informações pro-

pagadas em redes sociais sem o embasamento científico, prejudicando o diagnóstico, tratamento e a pesquisa relacionados à pandemia.

Assim, a Organização Mundial de Saúde (OMS) especificou que, paralelo ao surto causado pelo vírus, o mundo vive uma Infodemia, termo que se refere a “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OMS, 2020, p. 2). O neologismo discorre sobre um aumento no volume de informações sobre um assunto específico, divulgadas exponencialmente, e em um curto espaço de tempo, tendo a desinformação como consequência.

No Brasil, este cenário, em março de 2020, no início da pandemia, foi crítico, uma vez que a grande maioria dos brasileiros (64%) disse preferir as redes sociais como fonte de informação, do que a imprensa (59%), o oposto de nove países como África do Sul, Canadá, Coréia do Sul e Alemanha em que a imprensa foi apontada como fonte de informação preferida (64%)¹. Em maio, dois em cada 10 brasileiros (22%) categorizaram como verdadeira a afirmação de que a exposição ao sol ou a altas temperaturas previne a Covid-19; 7% afirmaram que o uso do alho também pode ter esse efeito; e para 5% dos brasileiros a veracidade de que a tecnologia 5G é transmissora do novo coronavírus².

A infodemia nas redes pode ser constatada no levantamento divulgado pela Lupa, maior agência de checagem de fatos do Brasil, entre 1º de janeiro e 27 de julho de 2020. No período, as publicações em diferentes plataformas de checagens sobre a efetividade de terapias alternativas contra o novo coronavírus, usaram pesquisas científicas falsas ou depoimentos de especialistas inexistentes para embasar a difusão de tratamentos que relacionaram produtos como “cocaína, maconha, urina de vaca, chá preto, óleo de eucalipto, bananas, vapor, suco de melão-amargo, leite com gengibre, sêmen, enxaguante bucal, chá de limão, nicotina, luz do sol e veneno de abelha”³.

Expõe-se assim a infodemia alimenta a desinformação, caracterizada como “informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar” (OMS, 2020, p.2). O aumento da busca na internet por informações no período pandêmico não foi acompanhando da seleção das fontes confiáveis. De acordo com a OMS (2020), as atualizações sobre a expressão “Covid-19” cresceu de 50% para 70% nos buscadores da rede, concomitantemente, 361 milhões de vídeos foram disponibilizados nos canais da plataforma YouTube em março, 550 milhões de postagens na plataforma *Twitter*, com a classificação covid-19, coronavírus e pandemia.

1 Portal edelman trust barometer 2020. Sondagem on-line em 10 países, entre 06 e 10 de março de 2020. Disponível em: https://www.edelman.com.br/sites/g/files/aatuss291/files/2020-03/Edelman%20Trust%20Barometer%202020_Coronavirus_Brasil%20com%20Global.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

2 Portal IPSOS. Pesquisa Ipsos Essentials realizada em 16 países sobre o grau de aceitação da sociedade sobre diferentes teorias a respeito da transmissão do novo coronavírus, entre os dias 28 a 31 de maio de 2020. A margem de erro para o Brasil é de 3,5 pontos percentuais. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/mitos-e-confusoes-sobre-covid-19>. Acesso em: 12 dez. 2021.

3 Portal PIAUÍ. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/30/coronaverificado-desinformacao-ciencia/>. Acesso em: 12 set. 2021.

A Organização destacou que a desinformação normalmente está baseada em teorias conspiratórias inseridas em um discurso próximo ao convencional, com imprecisões sobre origem, contágio, tratamentos, transmissão e pesquisas sobre a doença.

A desinformação pode circular e ser absorvida muito rapidamente, mudando o comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores. Tudo isso torna a pandemia muito mais grave, afetando mais pessoas e comprometendo o alcance e a sustentabilidade do sistema global de saúde. (OMS, 2020, p.2)

Destarte, quanto maior a quantidade de desinformação sobre o tema, mais sólida a infodemia, impedindo que fontes idôneas e com orientações corretas sejam facilmente encontradas pelo grande público, por profissionais de saúde e empresas, afetando processos de tomadas de decisões que esperam respostas imediatas. Provoca ainda o descontrole do que é publicado ou selecionado para demandas importantes, e o exercício da busca e a confusão provocada pela desinformação pode causar ansiedade, depressão, exaustão e sobrecarga emocional (OMS, 2020).

Porém, importante salientar que a infodemia não se baseia na desinformação em si, mas consolida pela forma como é disseminada nas plataformas digitais, construindo um contexto perfeito de propagação de audiência e importância. A internet, portanto, como conjuntura, se mostra um ambiente democrático e descentralizado, para conexão de usuários (CASTELLS, 2012) se revestindo de notícia, fato, ideia, repassado como conhecimento na rede, num processo simetria informacional e validação discursiva, se valendo da linguagem digital – memes, posts, piadas, sites falsos de jornais.

Torna-se possível, assim, identificar que a desinformação se ancora em um processo de retirada de credibilidade e de influência, nas variáveis sociológica e antropológica, na maneira como as pessoas entendem e absorvem as informações (KAKUTANI, 2018).

No contexto internacional da pandemia, um caso extremamente negativo foi observado na postura de Donald Trump, que adotou uma análise em relação aos efeitos da pandemia. Trump sempre se referiu ao novo coronavírus como o “vírus chinês” ou “peste chinesa” e entre as falas públicas que tiveram grande efeito negativo, no dia 24 de abril, foi para a sugestão de tratamento com desinfetante contra a Covid-19⁴.

Como em um ato contínuo, a cidade de Nova York apresentou, nos dias seguintes, um incremento nos casos de intoxicação por desinfetante – cerca de 30 chamadas em um dia detectaram que pessoas haviam ingerido produtos tóxicos (desinfetantes, águas sanitárias, alvejantes etc.), provavelmente influenciados pela declaração absurda do presidente norte-americano⁵.

Um dos episódios específicos em que o governo de Jair Bolsonaro encaminhou processos de infodemia – e da Economia Política da Desinformação – durante o processo de enfrentamento da Covid-19, no período de março a setembro de 2020, foi a questão

4 Portal Valor. <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/04/24/trump-sugere-explorar-tratamento-com-desinfetante-contra-covid-19.ghtml>. Acesso em 12 set. 2021.

5 Portal Exame. Disponível em <https://exame.com/mundo/ny-registra-aumento-de-intoxicacao-por-desinfetante-apos-sugestao-de-trump/>. Acesso em 12 set. 2021.

do uso da cloroquina como tratamento da doença. As notícias utilizadas para desinformar e confundir as pessoas em relação ao uso da hidroxicloroquina estiveram ligadas a pessoas próximas do presidente da República, como a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damara Alves⁶ e um dos filhos de Jair Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ)⁷.

Até mesmo o dono do Facebook, Mark Zuckerberg⁸, em 21 de maio, ressaltou que a maior rede social do mundo tem retirado do ar informações falsas sobre a covid-19. Uma dessas notícias foi a publicação do presidente Bolsonaro, em que este citava que cientistas já tinha descoberto uma cura para o vírus – a hidroxicloroquina. Zuckerberg⁹ ressaltou que removeu o conteúdo da plataforma porque era inverídico.

Dentro do eixo de discussão a respeito das Fake News e dos reflexos da postura do presidente da República, no Brasil, é necessário destacar algumas declarações públicas da Organização Mundial da Saúde (OMS) que foram retiradas de contexto – com o objetivo claro de reforçar premissas do governo federal e, em consequência, desinformar a população, causando efeitos negativos.

Por fim, outro fato que também se soma ao contexto do presente debate é a transparência nas informações – o conceito de *accountability*. Em uma crise sistêmica – sanitária, econômica, política e social como a da Covid-19 – exige-se o máximo possível de informações disponíveis, principalmente de fontes oficiais. No início de junho de 2020, o governo federal decidiu modificar a metodologia de divulgação dos dados oficiais – e restringindo o acesso a algumas informações.

Em resposta a essa decisão governamental, foi formado um consórcio de veículos de comunicação – integrado pelos portais G1 e UOL e pelos jornais O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo – para coletar e organizar as informações dos estados brasileiros e do Distrito Federal. Como uma forma de garantir a transparência das informações, equipes dos veículos que formaram o consórcio dividiram tarefas para compartilhar os dados obtidos, com os números consolidados de contaminações e mortes, com divulgação às 20 horas¹⁰.

Dessa forma, tornaram-se claras a premissa da economia política da desinformação e a estratégia de comunicação política do governo brasileiro em negar os efeitos da pandemia, em buscar atritos com instituições brasileiras (STF, governos e prefeituras)

6 Portal Época. No caso da ministra, ocorrido em 3 de julho de 2020, Damara compartilhou uma notícia falsa sobre uma médica, chamada Raissa Soares, que pedia ao presidente da República o envio de mais medicamentos à base da hidroxicloroquina. Informações disponíveis em <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/damara-compartilhou-fake-news-sobre-medica-defensora-de-cloroquina-24515224>. Acesso em: 12 set. 2021.

7 Portal Catraca Livre. O senador, em 29 de março de 2020, compartilhou em alguns de seus canais de redes sociais uma falsa reportagem sobre um uso, com sucesso, da hidroxicloroquina, por um senhor de 71 anos. O homem nunca teve o novo coronavírus – e nem morava em São Paulo – como divulgou o senador. Informações disponíveis em <https://catracalivre.com.br/cidania/flavio-bolsonaro-divulga-fake-news-sobre-hidroxicloroquina/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

8 Portal Poder 360. Disponível em www.poder360.com.br/midia/zuckerberg-cita-post-de-bolsonaro-ao-exaltar-combate-a-fake-news/. Acesso em: 12 set. 2021.

9 Portal Nexo Jornal. Disponível em www.nexojournal.com.br/expresso/2020/03/30/por-que-as-redes-sociais-est%C3%A3o-removendo-posts-de-bolsonaro. Acesso em: 12 dez. 2021.

10 Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2021.

e internacionais e reforçar a perspectiva de manter a economia em contraposição ao distanciamento social.

Com esses movimentos coordenados, Bolsonaro buscou buscar ganhos imagéticos e de repercussão eleitoral (com vistas ao pleito de 2022) para a gestão e para o próprio presidente.

Conclusões

Como conclusões preliminares desse trabalho, considerando-se que a proposta é a construção de uma agenda contínua de pesquisa, identifica-se que a economia política da desinformação traz efeitos perniciosos à saúde pública e pode se enquadrar como uma estratégia de comunicação política. Foi o que claramente se percebeu nos movimentos de Jair Bolsonaro durante sua atuação no enfrentamento da pandemia no Brasil.

Os conceitos aqui discutidos, tanto visões mais contemporâneas sobre a infodemia e sobre a desinformação, como o diálogo com perspectivas interdisciplinares da economia política da informação, trazem reflexões a respeito da interpretação de crises globais – como a pandemia – e também do processo de formação da cidadania, que deve ser constituído com conhecimentos e com verdades.

A partir do que foi exposto, portanto, as percepções da pesquisa estão conectadas com a verificação dos efeitos da desinformação na vida das pessoas no contexto da pandemia, a partir das falas públicas do presidente da República e na criação de meios efetivos para que as notícias falsas, usadas para desinformar, não se alastrem e comprometam a sanidade física e mental dos brasileiros.

A informação quando adequadamente divulgada e assimilada, modifica estoques cognitivos, beneficia o desenvolvimento individual e social, qualifica-se como estrutura determinante para gerir conhecimento.

Por fim, destaca-se a ênfase à responsabilidade de os agentes públicos se comunicarem de forma proativa e verdadeira com os seus públicos, em especial pelo grau de influência que exerceram e exercem em um país com as peculiaridades e os desafios do Brasil.

Referências

- Adorno, T. (2011). Teoria estética. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2011.
- Allcott, H. Gentzkow, M. (2017). Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2), 211-236.
- Azevedo, J. A.; Santos, A. D. G.; Mota, J. S. (2006). O avanço conceitual do subcampo da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura a partir da Revista EPTIC. *Revista Comunicação Midiática*, v. 11, p. 194-208, 2016.
- Bohman, J. (1998). The coming of age of deliberative democracy. Saint Louis. *Journal of Political Philosophy*.
- Bolaño, C. R. S. (2016). Capitalismo global e crítica da Comunicação: por uma nova teoria da mediação social. *Revista Comunicação Midiática*, v. 11, p. 19-32.
- Brito, V. De P; Pinheiro, M. M. K. (2015). Poder informacional e desinformação. In: *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v.8, n.2, jul./dez. 2015, p. 144-164.
- Castells, M (2012). A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra.

- Santos, B.de S. (2020). *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.
- Guess, A., Nyhan, B. Reifler, J. (2018). Selective Exposure to Misinformation: Evidence from the consumption of fake news during the 2016 US presidential campaign. *Bruxelas: European Research Council*.
- Cadwalldr, C. Graham-Harrisson, E. (2018). Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridgeanalyticafacebook-influence-us-election>. Acesso: em 10 jun. 2021.
- Downs, A. (2019). *Uma teoria econômica da Democracia*. São Paulo: Edusp.
- Gusdorf, G. (1983). Passado, presente y futuro de la investigación interdisciplinaria. In: Apostel, L. Et al. *Interdisciplinaridade e ciências humanas*. Madrid: Tecnos/UNESCO.
- Hirst, M (2017). Towards a political economy of fake news. *The political economy of communication* 5, no. 2.
- Hunt, E. K. (1989). *História do pensamento econômico*. Tradução de José Ricardo Brandão Azevedo. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus.
- Kakutani, M. (2018). *A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Martins, A (1999). *Fundamentos de economia política marxista*. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB.
- Mozur, P. A. (2018). Genocide incited on Facebook, with Posts from Myanmar’s Military. *The New York Times*. Publicada em: 15 out. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/10/15/technology/myanmar-facebook-genocide.html>>. Acesso: em 10 jun. 2021.
- OMS. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19. Disponível em <https://www.paho.org/ish/index.php/en/>. Acesso em 12 set. 2021.
- Portal Edelman Trust Barometer 2020. Sondagem on-line em 10 países, entre 06 e 10 de março 2020. Disponível em : https://www.edelman.com.br/sites/g/files/aatuss291/files/2020-03/Edelman%20Trust%20Barometer%202020_Coronavirus_Brasil%20com%20Global.pdf. Acesso em 12 dez. 2021.
- Portal Catraca Livre. Disponível em <https://catracalivre.com.br/cidadania/flavio-bolsonaro-divulga-fake-news-sobre-hidroxicloroquina/>. Acesso em 12 dez. 2021.
- Portal Época. Disponível em <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/dameres-compartilhou-fake-news-sobre-medica-defensora-de-cloroquina-24515224>. Acesso em 12 set. 2021.
- Portal Exame. Disponível em <https://exame.com/mundo/ny-registra-aumento-de-intoxicacao-por-desinfetante-apos-sugestao-de-trump/>. Acesso em 12 set. 2021.
- Portal G1. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- Portal IPSOS. Pesquisa Ipsos Essentials realizada em 16 países sobre o grau de aceitação da sociedade sobre diferentes teorias a respeito da transmissão do novo coronavírus, entre os dias 28 a 31 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/mitos-e-confusoes-sobre-covid-19>. Acesso em 12 dez. 2021.
- Portal Nexo Jornal. Disponível em www.nexojournal.com.br/expresso/2020/03/30/Por-que-as-redes-sociais-es-removendo-posts-de-Bolsonaro. Acesso em 12 dez. 2021.
- Portal PIAUÍ. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/30/coronaverificado-desinformacao-ciencia/>. Acesso em 12 set. 2021.
- Portal Poder 360. Disponível em www.poder360.com.br/midia/zuckerberg-cita-post-de-bolsonaro-ao-exaltar-combate-a-fake-news/. Acesso em 12 set. 2021.
- Portal Valor. <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/04/24/trump-sugere-explorar-tratamento-com-desinfetante-contracovid-19.ghtml>. Acesso em 12 set. 2021.
- Portal Veja. Disponível em <https://veja.abril.com.br/mundo/oms-suspende-testes-com-hidroxicloroquina-em-pacientes-com-covid-19/>. Acesso em 12 set. 2021.
- Safi, M. (2018). ‘WhatsApp murders’: India struggles to combat crimes linked to messaging service. *The Guardian*. Publicada em: 3 jul. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/jul/03/whatsapp-murders-india-struggles-to-combat-crimes-linked-to-messaging-service>. Acesso em 6 set. 2021.
- Thiesen, J. (2018). A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2008, vol. 13.
- Wardle, C. Deakshan, H. (2017). *Information disorder: towards an interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe Report.
- Weber, M. (1999). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva / Max Weber; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.*